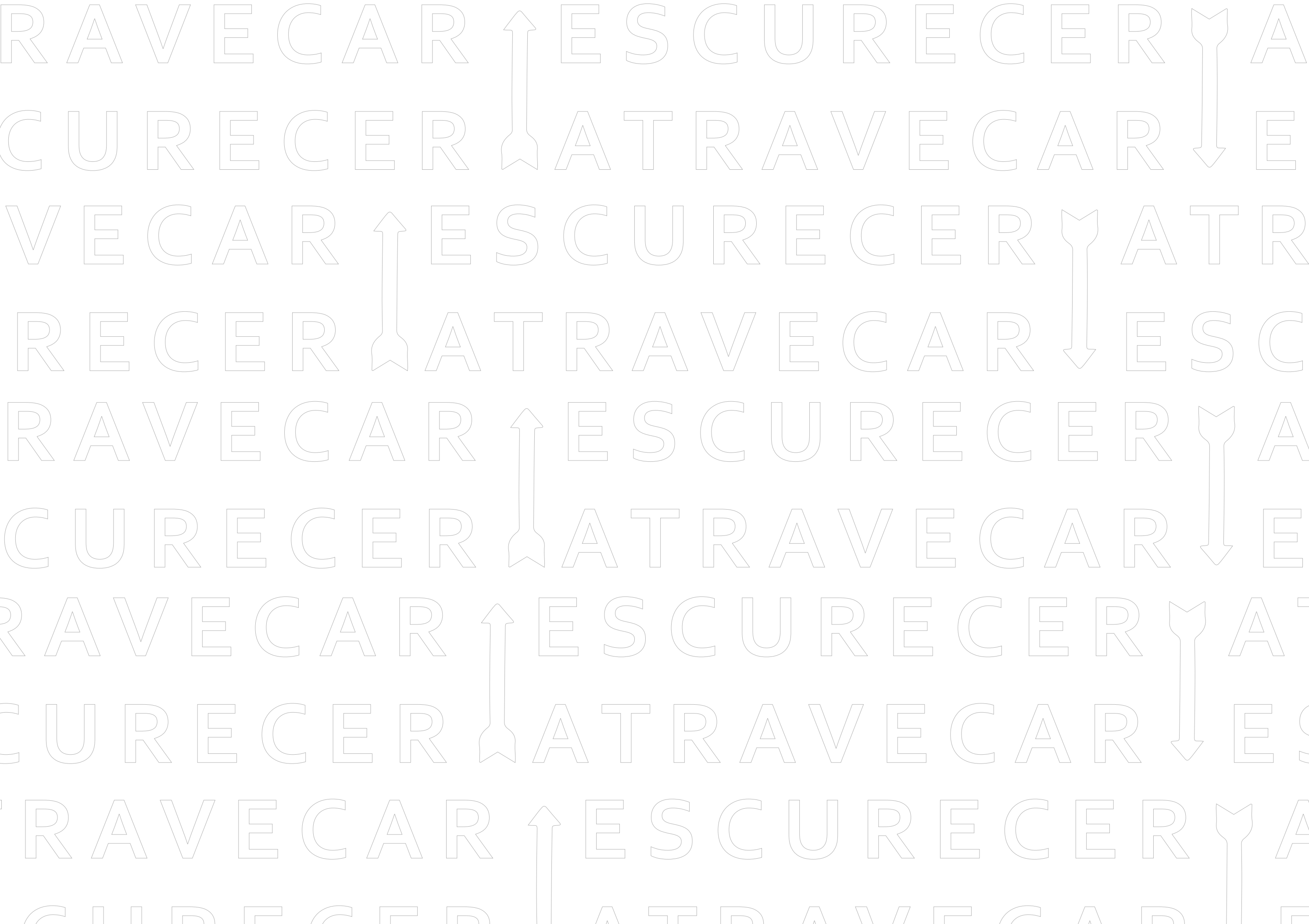


PORTFÓLIO

2018 - 2022

GUILHERMINA AUGUSTI







MINI-BIO

Guilhermina Augusti é artista plástica, desenvolvendo trabalhos que tem como processo de pesquisa, criação, execução e registro, eixos que passam pelo corpo físico e o corpo dos objetos integrados a questão da natureza, da cidade, da simbologia e fabulações ficcionais através da geometria/física que visam alocar a questão racial e de gênero como útil.

Essas interações são traduzidas sobretudo pelas mídias digitais com fotografia, pinturas e escritas, não fazendo separação binária entre teoria e prática, e atribuindo a essas análises uma leitura das materialidades e da história que considerem na sua própria análise dispositivos discursivos que carregam questões que se deslocam não para uma parte, mas para toda extensão do trabalho. Graduanda em Filosofia pela UFRJ, Capacitação em Mídias Digitais e Audiovisual pela Darcy Ribeiro, assim como passando por residências como Galpão Bela Maré (2019), MAM + Capacete (2020), e EAV Parque Laje, Pedra e Ar (2021), que integram sua formação; Artista com exposições do 31º CCSP (2021), Galpão Bela Maré (2022), e a 5ª artista a hastear uma bandeira nos pilotis do Museu de Arte do Rio (2022) intitulada ATRAVECAR - ESCURECER, Artista Prêmiação Tomie Ohtake, 8ª edição, 2022.

MINI-BIO

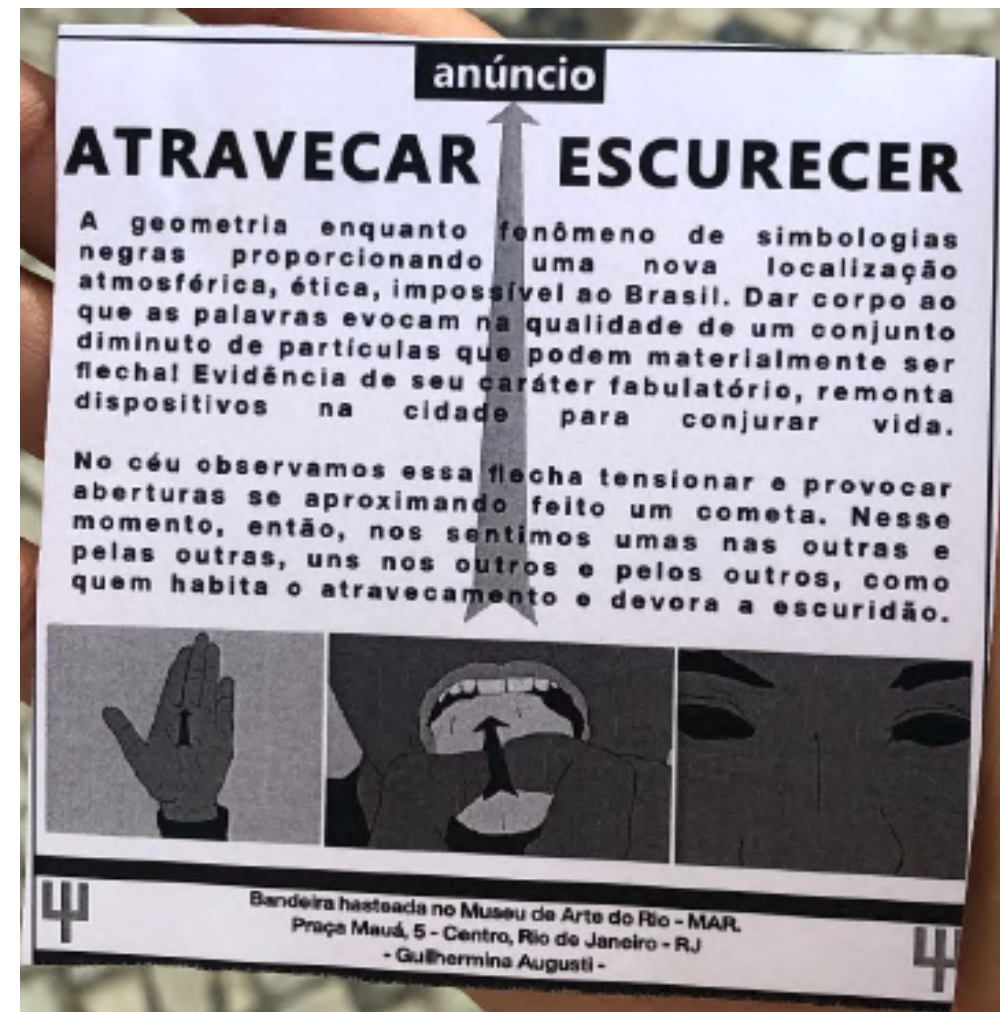
Guilhermina Augusti is an artist developing works that have as a research, creation, execution and registration process, axes that go through the physical body and the body of the objects integrated to the issue of nature, the city, symbology, and fictional fabrications through geometry/physics that aim to allocate the racial and gender as useful.

These interactions are translated mainly through digital media with photography, paintings, and writing, not making binary separation between theory and practice, and attributing to these analyses a reading of materialities and history that consider in its own analysis discursive devices that carry questions that shift not to one part, but to the entire extension of the work. Undergraduate student in Philosophy by UFRJ, Training in Digital Media and Audiovisual by Darcy Ribeiro, as well as passing through residencies such as Galpão Bela Maré (2019), MAM + Capacete (2020), and EAV Parque Laje, Pedra e Ar (2021), which integrate her training; Artist with exhibitions at 31º CCSP (2021), Galpão Bela Maré (2022), and the 5th artist to raise a flag on the pilots of the Rio Museum of Art (2022) entitled ATRAVECAR - ESCURECE, Artist Award-winning Tomie Ohtake, 8th edition, 2022..



A TRAVECAR

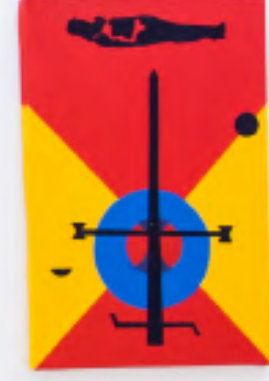
ESCURECER



ATRAVECAR ESCURECER, 2022.
Bandeira hasteada no pilotis do Museu de Arte do Rio (MAR).

“A artista plástica responsável pela bandeira costuma usar referências de importantes de artistas brasileiros em seus trabalhos, como Abdias Nascimento e Rubens Valentim. As formas geométricas, para ela, pretendem trazer um conceito simbólico ligado às mensagens chaves de suas obras artísticas. “Quando penso na bandeira hasteada no MAR com duas fortes palavras, nesse Rio de Janeiro que vivemos, ela comunica muita coisa. Ela toca e é tocada em amplo sentido. Penso na bandeira, penso em vida. Uma grande imagem de cinco metros que está ali evocando como uma flecha, uma abertura para algo novo que deve ser construído”.

- diariodoporto



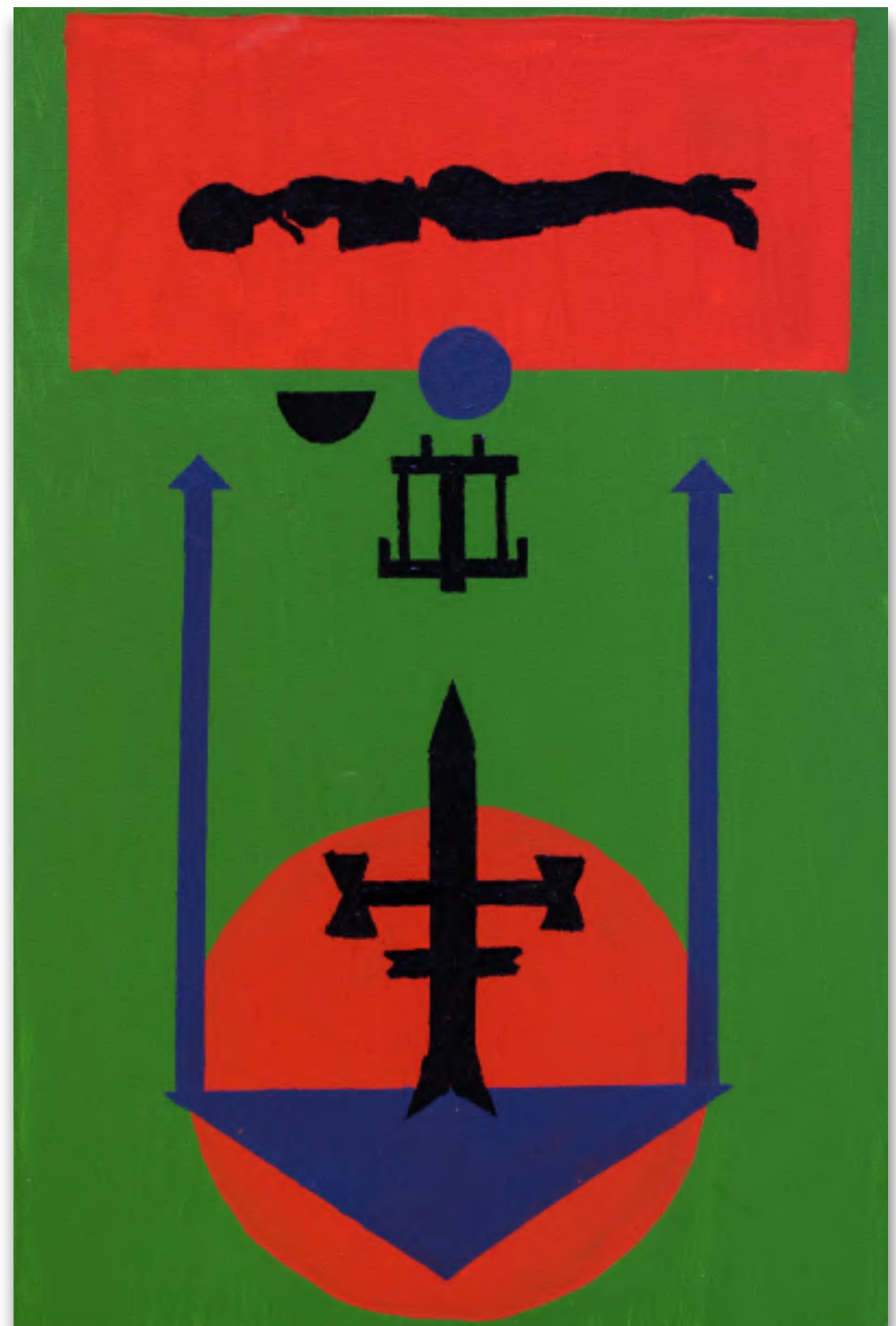
Two small white informational cards with text, likely artist biographies or exhibition details.

GUILHERMINA AUGUSTI
ESCURO INDIZÍVEL





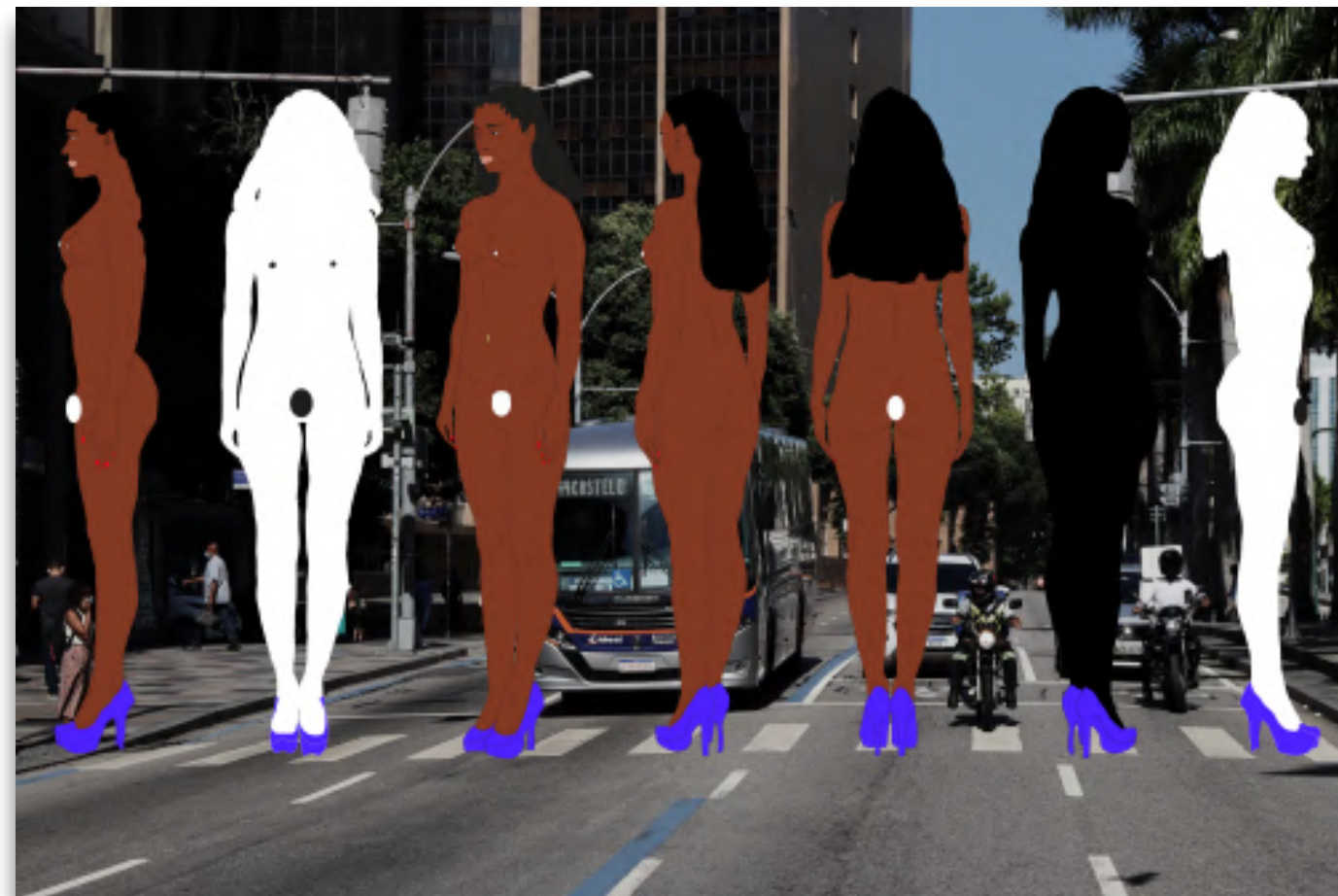
Escuro Indizível n1, 2021.
Tinta acrílica sobre tela,
40x60



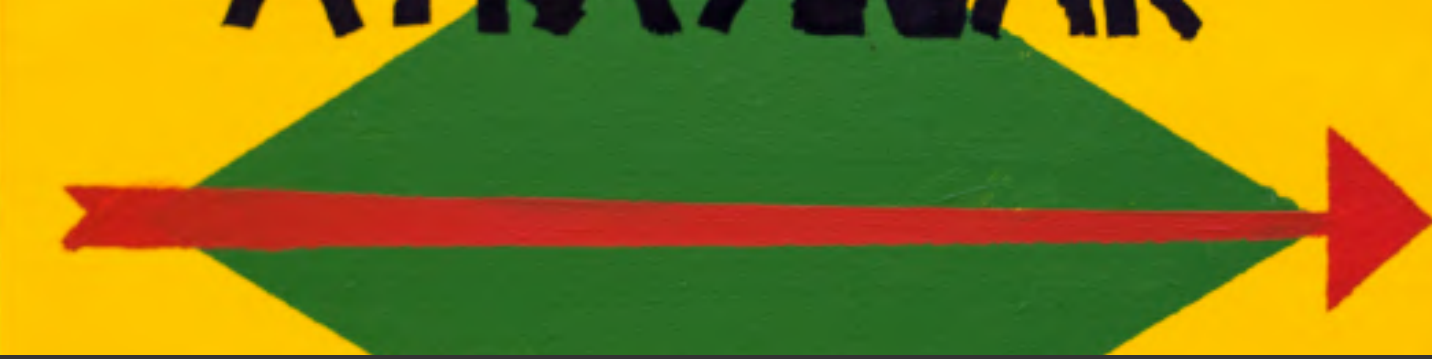
Escuro Indizível n2, 2021.
Tinta acrílica sobre tela,
40x60



Anúncio 2022, 2021.
Tinta acrílica sobre tela,
19x27



Remontagem antropoemia, 2021.
Impressão de fotografia em papel
fine art



“**Escuro indizível**” é um trabalho em série de pintura e fotografia + manipulação digital que marca a pesquisa sobre a relação e proximidade entre as coisas “indizíveis” e a “escuridão”.

Cena 1: Pretende-se no primeiro momento, pensar o imaginário através de signos coloniais, seja uma memória preenchida por esses signos, ou, uma memória ausente desses signos. Olhar e pensar os signos, que podem vir a ser imagens, mas que corresponde não apenas a imagem enquanto primazia do olho, através de uma tradição do oculo-centrismo, mas a imagem enquanto capacidade imaginativa. Pensar o imaginário, que evoca engrenagens enquanto continuidade de negação de qualquer coisa que seja escura. Pensar os signos coloniais que se permitem conjurar, exibir, expandir a si próprios, enquanto algoritmos de reprodutibilidade de sistemas de violência ontológica. É necessário repensar a história – contrária ao historicismo imóvel, cuja maior questão está em manter sua paralisia, uma conservação da história dos vencedores, repensar e rearticular o passado nos “agoras”.

Cena 2: Assombros, sombras, e outras manifestações indizíveis. Como momento ontológico essencial, pensar a presença. A presença, mas o que significa aqui a presença? Evocamos uma cadeia de significantes, um jogo de pensamentos, conteúdo em que o sujeito pensa a presença em suas dimensões, o contexto ontológico que tudo sobredetermina da capacidade imaginativa. Qualquer fio que venha pensar essas relações se constrói um ao outro, e o espaço sempre ficará fadado a buracos indescritíveis. Num sentido, tudo é presença? O que possibilita um corpo negro estar presente? O que impede um corpo negro da presença? Um estudo negro é pensar o impossível, mesmo que seja na prontidão da falha, um movimento contínuo de esforço, do objeto indizível que pretendemos resgatar. Nenhuma pessoa preta pode escapar do buraco negro que é essa força que acompanha sua sombra, forjada na inabalável capacidade descritiva, uma força escura, uma região no espaço-tempo em que o campo gravitacional é tão intenso que nada – nem a luz/branca pode evitar, é dessa forma impossível que somos.



Remontagem Zumbi, 2020.
Tinta acrílica sobre tela,
40x30



Remontagem Stella do Patrocínio, 2022.
Tinta acrílica sobre tela,
40x30

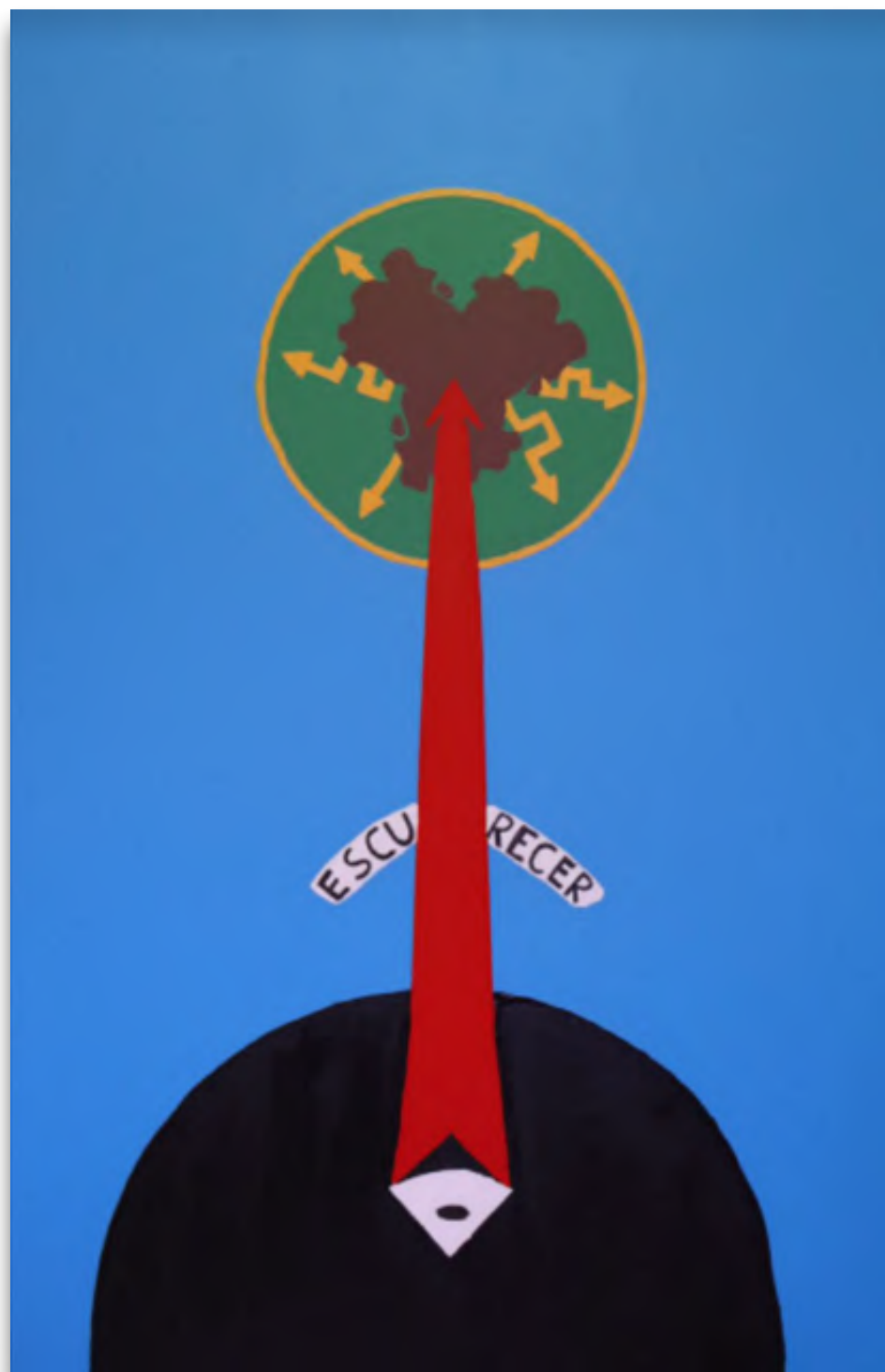


Remontagem Estamira, 2020.
Tinta acrílica sobre tela,
40x30



Remontagem Lacraia, 2022.
Tinta acrílica sobre tela,
40x30





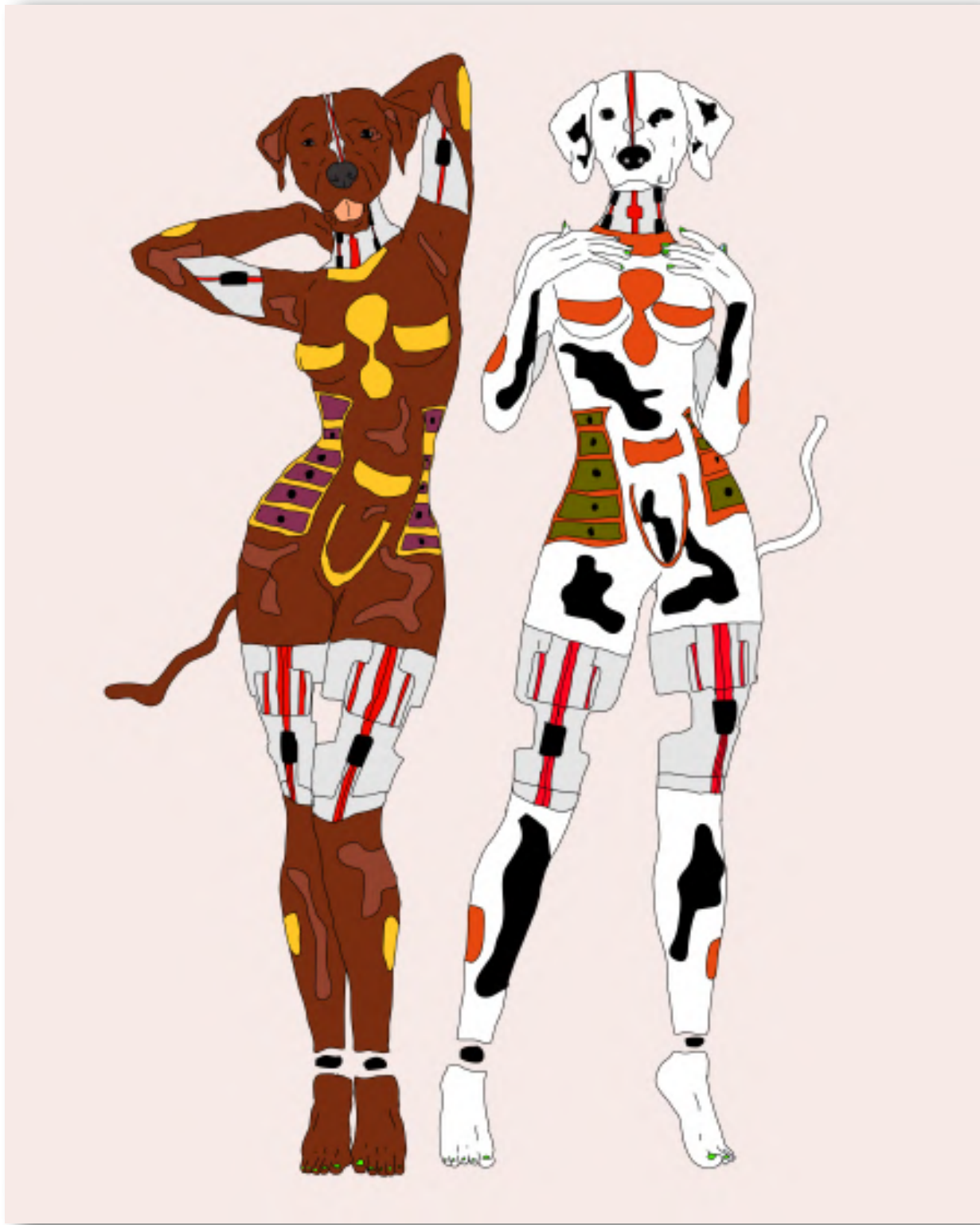
Remontagem Natureza, 2020
Tinta acrílica sobre tela,
1m x 0,5



Anúncio Arcaico, 2020.
Tinta Acrílica sobre tecido,
1.60 x 1.20



Anúncio futuro, 2020.
Tinta acrílica sobre tecido,
1.60x.120



Desviotres, 2020.
Arte digital



Desvioum, 2020.
Arte digital



Desviadois, 2020.
Arte digital



CadêasArmas, 2020.
Arte digital



Escolha, 2019.
Arte digital

ESCRITA ESCRITA ESCR

ESCRITA ESCRITA

ESC ESCRITA ESCRITA

ESCRITA ESCRITA ESCR

ESCRITA ESCRITA

ESC ESCRITA ESCRITA

ESCRITA ESCRITA ESCR

ESCRITA ESCRITA

ESC ESCRITA ESCRITA

esses
seres
vivemos

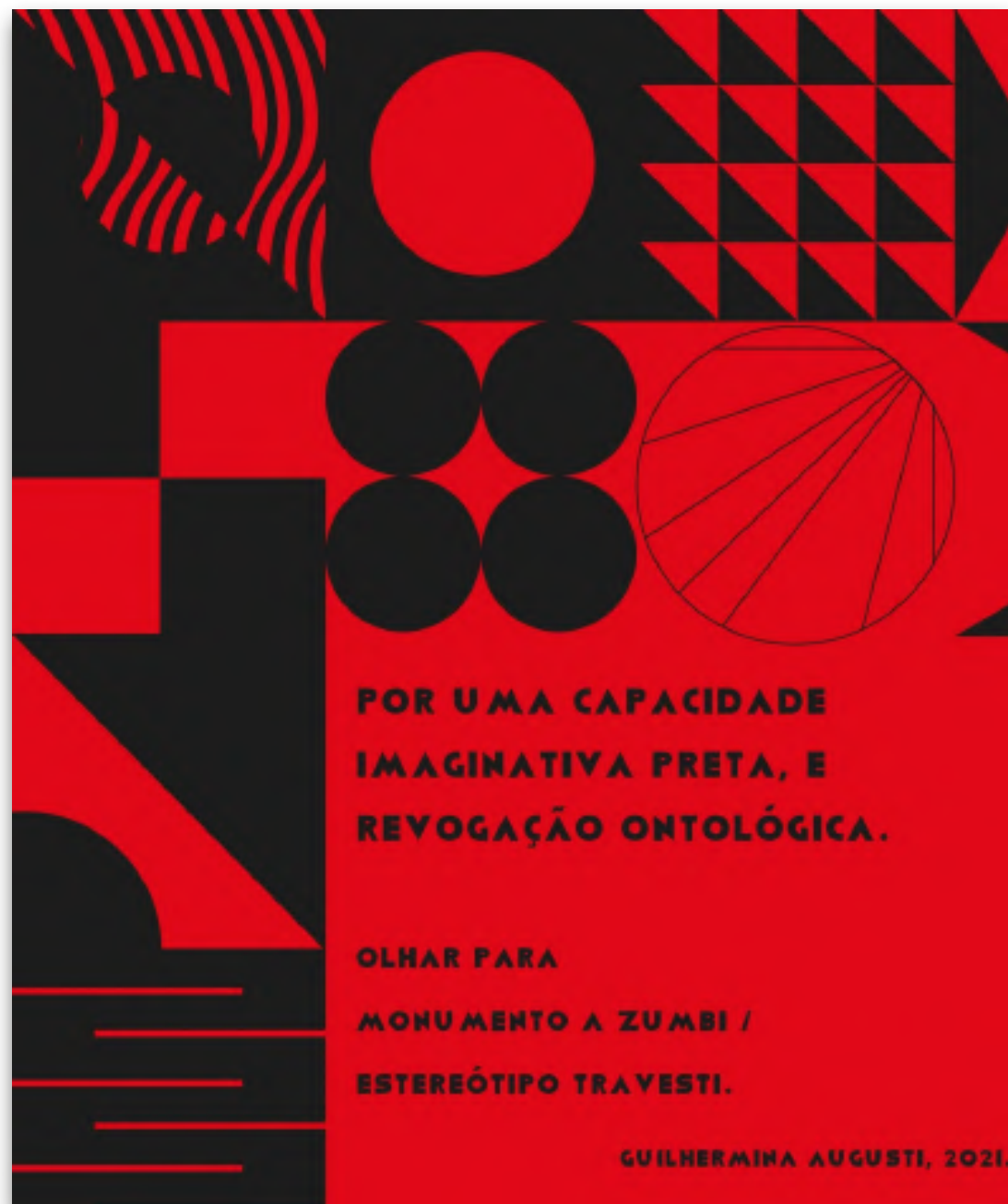
residências AAN 2020

ANA CLARA TITO BRUNA CAMARGOS CAIO CALAFATE E
PEDRO VARELLA DIAMBE DA SILVA ÉRIKA LEMOS PEREIRA
E GUSTAVO BARRETO GABRIELA NOUJAIM GUILHERMINA AUGUSTI
IAH BAHIA LIDI DE OLIVEIRA LUMA NASCIMENTO MARIA LUCAS
MAYARA VELOZO NAPÊ ROCHA RACK RAINHA F
RASTROS DE DIÓGENES SALLISA ROSA TAYNÁ SAMPAIO

eu não sou matéria, sou que nem você.
eu, assim como você, não existo neste mundo.
aliás, se eu existisse, não estaria reivindicando
vida.
eu não estou aqui.
se fosse, seria percebida nas importâncias
diante dessa sociedade.
então como não sou, e não estou.
só posso ser uma coisa.
então somos ilusões.
não venho até você como matéria, mas como
ilusão.
porque é isso que travestis negras são.
ilusão.

Guilhermina Augusti, 2020. pg. 46/47

Entre agosto e dezembro de 2020, doze artistas fizeram a residência artística no MAM Rio, que teve como proposta convocar os residentes a pensar e discutir seus processos, linguagens e referências. Em paralelo, nove pesquisadores desenvolveram seus projetos como bolsistas do museu, sendo quatro deles em dupla. Os textos reunidos neste livro foram escritos pelos artistas e pesquisadores na etapa final da residência.



“ olhar para o monumento a Zumbi e o esteriótipo travesti”.

.....

Volto para o monumento, mas volto também para Lélia, na realidade não vou aqui fazer cerimonia, o jogo é entre consciência e memória, uma expressa essa penumbra, que não foi colocada por aqueles que estão embaixo delas e que torna o movimento sem ela quase incapaz, por isso há um movimento que é importante: um processo de elaboração da memória. As imagens se expandem para as possibilidades virtuais, que acompanham essa ontologia branca em que “um negro representa todos os negros.”

pg.4. 2020

Texto desenvolvido para se pensar a relação material de esfinges, monumentos, esculturas que reproduzem um discurso histórico-ético em que a negritude e a racialidade é tratada enquanto um evento a se passar, conjuntamente com o esteriótipo da travesti dentro das relações contemporâneas .

Por uma Capacidade Imaginativa Preta, e revogação Ontológica.

Texto

Site: guilherminaaugusti.wordpress.com

ACADÊMICA

Graduação em Filosofia - UFRJ
(2018-2023)

Técnica em informática para internet
-ETEC Poá-SP (2014-2015)

AUDIOVISUAL/DESIGN

Capacitação em Mídias Digitais na
Escola de Cinema Darcy Ribeiro
(2020)

Laboratório de crítica: Práticas do
Olhar, IMS (2020)

Laboratório Afrofuturista -
Gatomídia (2019)

ARTES

Trajetórias Internacionais da Arte
Latino-Americana - IAC (2020)

Entreolhares Universitário: o programa
de formação em artes visuais -
Itaú Cultural, (2020)

desejo e contra-desejo na arte
contemporânea - Lux espaço de arte
(2020)

RESIDÊNCIAS

Escola Livre de Artes da Maré - ELÃ -
Galpão Bela Maré (2019)

PEDRA E AR - Escola de Artes Visuais
do Parque Laje (2021)

Residente MAM-RJ/CAPACETE (2020)

REVISTAS/LIVROS

Esses seres vivemos; MAM RJ; (2020)

Antologia Poética #1 Antologia poética:
Poemas para ler antes das notícias na
Revista Cult(2019)

Antologia poética Quem dera o sangue
fosse só o da menstruação, Editora
Urutau, edição: 1a. - (2019)

Antologia Poética -
(Ed. Invisíveis Produções, - (2017)

EXPOSIÇÕES

2022

Um Defeito de Cor, Museu de Arte do
Rio de Janeiro,

Brasil em Cartaz/Brasil em Catarse,
Centro de Artes UFF.

Misturas, Galpão Bela Maré.

2021

Escuro Indizível, curadoria de Adelia
Pontes e Hélio Menezes, Centro Cultural
São Paulo, 2021/2022.

Cronicas Cariocas, Museu de Arte do
Rio.

Mita, Museu da Diversidade Sexual de
São Paulo.

2020

A mostra GATILHOS - Narrativas Visuais
na Pandemia.

Estado de Graça, Pence.

2019

ARREBATRÁ, Hélio Oiticica, 2019.

O nome que a gente dá as coisas, ELÃ,
Galpão Belá Maré.

AÇÕES/PRÊMIOS

2022

Projeto "Atos e Simbologias", Prefeitura
do Rio de Janeiro e Secretaria Municipal
de Cultura.

Bandeira "Atraveçar Escurecer", pilotis
Museu de Arte do Rio.

Prêmio Tomie Ohtake, 8º Edição, 2022.

CURRICULO

OBRIGADA

